



Prof. Juliano Marques

A Primeira Grande Guerra Mundial

Introdução

O processo de críticas, contradições e crises do modelo capitalista, presente no século passado com as alternativas socialistas, os movimentos operários e as disputas entre as potências pela partilha colonial afro-asiática, dentre outros, atinge seu grau máximo no século XX.

O século XX assiste à implantação do primeiro estado dito socialista (a partir da Revolução Russa, ocorrida em outubro de 1917), à eclosão de duas Grandes Guerras Mundiais (expressão maior da contradição do sistema) e à Crise de 1929, a mais profunda da história do capitalismo.

O amplo questionamento do sistema, as suas crises e contradições, que perde a sua forma monopolista, típica de fins do século XIX, e adquire, freqüentemente, o caráter “intervencionista de Estado”, como nos pós-guerras ou no período da Grande Depressão (anos 30), para correção abaladas pelos conflitos ou crises.

Dentro ainda do novo modelo capitalista apoiado no Estado (por vezes), surgem as ditaduras de “direita” (chamadas de fascistas), contrapondo-se às ditaduras de esquerda (como a do Estado Soviético). Mesmo nas tradicionais democracias americanas, percebe-se o fortalecimento do caráter intervencionista do Estado na economia, como no referido momento da Grande Depressão, dos anos 30.

Causas Gerais

O problema das causas dos grandes acontecimentos é um caso particular de um problema que topamos inúmeras vezes ao analisar o processo histórico. Quer se trate de revoluções, quer se trate de guerras, metodologicamente e filosoficamente, o problema é o mesmo: como é que o novo pode sair do velho? Como se passa de um estado de coisas a outro, de um regime a uma revolução, de uma situação de paz internacional a um conflito mundial?

As respostas são múltiplas e várias, dependendo da posição ideológica do analista.

Certas causas, circunstanciais e imediatas, podem ser postas de pronto por uma análise cronológica.

O estopim da guerra foi o Incidente em Sarajevo, ocorrido em 28 de junho de 1914, com o assassinato do príncipe herdeiro do trono austríaco, o arquiduque Francisco Ferdinando pela organização secreta Sérvia Mão Negra, que lutava contra o poder dos Habsburgos (Áustria-Hungria). A proposta do governo Áustro-Húngaro, de ampliar a esfera de influência do país rumo às regiões vizinhas, causa o seu assassinato na cidade de Sarajevo, na Bósnia-Herzegovina. Sabe-se que o crime conta com a aquiescência do próprio governo sérvio, o que leva o Império Áustro-Húngaro a declarar guerra à Sérvia, no culminar de uma série de atritos entre ambos, conforme já mencionado. Com a declaração de Guerra, entra em ação todo o processo desencadeador do 1º conflito mundial, podendo assim tal fato ser considerado a causa imediata da Grande Guerra.

Essa, contudo, não deixa de ser uma resposta hipócrita e provisória. De acordo com o historiador René Rémond, o incidente de 28 de junho teve tais conseqüências, pois a razão é porque sur-

giu num contexto que encerrava as possibilidades de guerra. Em outros momentos, o mesmo acidente teria comovido a opinião pública, mas não teria tido conseqüências tão graves. Ele veio acrescentar-se a uma soma de fatores anteriores. São as causas preexistentes, as engrenagens, os mecanismos dessa máquina infernal que urge desmontar.

Mas antes de mais nada, acredito que a principal causa da I Grande Guerra Mundial reside na vontade de guerra de uma ou de várias potências, que desejariam instaurar sua hegemonia.

A Grande Guerra

As hostilidades entre países europeus levaram à formação de blocos antagônicos. De um lado a Alemanha, a Áustria-Hungria e a Itália, que formaram a **Tríplice Aliança**. De outro, a Grã-Bretanha, a França e a Rússia, que formaram a **Tríplice Entente**.

Para se proteger, ao mesmo tempo, superar e intimidar seus rivais, cada país tratou de melhorar seu equipamento bélico. Aumentou-se a produção de fuzis, metralhadoras e canhões e aperfeiçoaram-se as frotas, além do estímulo à invenção de novas armas, como o lança-chamas e o gás venenoso. O serviço militar tornou-se obrigatório em quase todos os países europeus. As fronteiras foram fortificadas. A Europa preparava-se para a guerra.

O Arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, em visita diplomática a Sarajevo, na Bósnia, foi assassinado junto com a esposa por um jovem sérvio (28/06/1914). Acusando a Sérvia de favorecer o atentado, a Áustria-Hungria declarou-lhe guerra um mês depois. Os pactos entre os países de cada bloco foram acionados. Em uma semana, seis países estavam em guerra: Áustria-Hungria e Alemanha (a Itália não os acompanhou na declaração de guerra) - as chamadas potências centrais - contra a Sérvia, a Rússia, França e Inglaterra - os aliados. Começava a Primeira Guerra Mundial.

Animados por um nacionalismo chauvinista e xenófobo, milhares de jovens seguiram para os combates. Desrespeitando a neutralidade da Bélgica, tropas alemãs invadiram o país e chegaram ao norte da França. Ali permaneceram abrigados em trincheiras, valas protegidas por arame farpado. Poucos quilômetros à frente, os soldados franceses também estavam entricheirados. Por três anos e meio, os combates do lado ocidental estabilizaram-se numa guerra de posições em que se procurava vencer o inimigo lenta e progressivamente.

A maioria dos combates ocorreu na Europa, mas, com a entrada de outros países na guerra, a luta estendeu-se a outros continentes. É a primeira vez, desde o fim das guerras Napoleônicas, ocorrida em 1815, que a Europa inteira se precipita na guerra. Ao lado dos aliados entraram o Japão, a Itália, a Romênia, a Grécia e Portugal; do lado das potências centrais entraram o Império Turco-Otomano e a Bulgária. Houve combates na Pérsia, na Arábia, nas colônias alemãs na África e nas ilhas do Pacífico. Ao todo, contando os domínios britânicos, uns trinta e cinco Estados participaram do conflito. É a primeira vez na História da Humanidade que uma conflagração assume tamanha amplitude e essa extensão decorre do prolongamento da guerra. Foi porque a luta durou tanto tempo que numerosos países sobrepujaram as próprias hesitações, ou acabaram cedendo à pressão dos primeiros beligerantes. O objetivo é sempre romper o equilíbrio, ou restabelecê-lo se for ameaçado.

Em 1917, a Rússia, convulsionada por uma revolução interna, retirou-se da guerra. E assinou um acordo de Paz em separado com a Alemanha: o **Tratado de Brest-Litowsk**. Rompia-se o equilíbrio europeu. A Alemanha, agora, podia mover as suas tropas da frente Oeste para a Frente Ocidental (contra a França e Inglaterra). No mesmo ano, os submarinos alemães começaram atacar navios mercantes que transportavam suprimentos aos aliados. A ação provocou a declaração de guerra dos Estados Unidos

à Alemanha.

A entrada dos Estados Unidos e o rompimento do equilíbrio europeu

Para os Estados Unidos, a guerra era um excelente negócio. Exportavam, a crédito, tudo que a Inglaterra e a França necessitavam. Essa dívida deveria ser paga após o término do conflito.

O problema foi que a Alemanha começou a levar uma pequena vantagem no conflito. E agora? Se as potências centrais vencessem a guerra, como as nações aliadas iriam pagar os Estados Unidos? O nervosismo tomou conta da Bolsa de Valores de Nova York. Os capitalistas norte-americanos se questionavam: o que acontecerá com os nossos lucros se a França e a Inglaterra perderem a guerra?

Pressionado pelos empresários que desejavam uma ação mais direta e incisiva do governo e diante dos constantes afundamentos de navios mercantes, os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha. Era a salvação dos lucros dos capitalistas.

A entrada dos EUA na guerra, em 1917, foi decisiva para alterar a situação do conflito. Entretanto, os norte-americanos não possuíam um Exército de Guerra preparado e pronto para entrar em ação de imediato. Mas tinham dinheiro. Com dinheiro sobrando, os norte-americanos criaram uma indústria de guerra e formaram um exército forte e bem armado. O exército dos EUA, descansado, era superior exército alemão. Um a um os aliados da Alemanha foram se rendendo: a Bulgária, depois a Turquia e, em seguida, o Império Austro-Húngaro.

Na Alemanha, o povo não agüentava mais a guerra. Um motim em Kiel e uma greve geral mostraram que o Kaiser Guilherme II já não controlava o país. Em 1918, diante de pesadas derrotas e de revolta da própria população, esgotada pela Guerra, o imperador da Alemanha renunciou. Foi proclamada a República Alemã, e o novo governo declarou o cessar-fogo. Terminava a Grande Guerra.

As mudanças provocadas pela guerra

A Primeira Grande Guerra Mundial trouxe profundas mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais.

Durante o conflito, os governos dos países combatentes passaram a dirigir a economia para garantir o fornecimento de armas, munição e suprimento aos soldados, além do abastecimento à população civil. Cresceram as importações de carvão, ferro, nitrato do Chile (para a fabricação de explosivos), alimentos e tecidos, entre outros itens. As importações dos europeus estimularam o desenvolvimento industrial em diversos países, inclusive o Brasil. Para custear as despesas de guerra, os países europeus contraíram enormes dívidas. Os Estados Unidos, apesar de neutros até 1917, fizeram grandes empréstimos aos aliados.

Com a maior parte dos homens em combate, as mulheres foram chamadas para trabalhar nas fábricas e em todas as atividades, nas cidades e nos campos. O trabalho feminino garantia o sustento das famílias. Milhares de mulheres se alistaram como enfermeiras nos hospitais de campanha. Também adolescentes, idosos, prisioneiros e habitantes das colônias européias da África e da Ásia participaram do esforço de guerra.

À medida que a guerra se prolongava, cresciam as dificuldades da população: racionamentos, falta de alimentos, aumento da jornada de trabalho nas fábricas, alta de preços, além das perdas materiais e humanas. Para manter o moral dos soldados e dos civis, os governos recorreram à propaganda. Cartazes, revistas, jornais, livros, cadernos escolares e até embalagens de cigarros e alimentos traziam imagens e frases encorajadoras, apelando para o patriotismo dos cidadãos. Porém, tornava-se cada vez mais difícil manter o entusiasmo dos soldados contra o inimigo. Pouco a pouco, cresceram as deserções e os motins contra os oficiais.

O balanço da guerra foi trágico: entre 9 e 10 milhões de pessoas morreram. Por toda parte restaram cidades destruídas, regiões agrícolas devastadas e enormes dívidas de guerra.

Os 14 pontos e o Tratado de Versalhes.

Em 1918, a guerra ainda não havia terminado quando o presidente norte-americano Woodrow Wilson fez a proposta por uma “paz sem vitória”. Os “14 Pontos” sugeridos por ele consistiam: (1) abolição da diplomacia secreta; (2) abertura dos mares à navegação internacional; (3) levantamento das tarifas protecionistas; (4) desarmamento geral; (5) divisão equitativa das colônias; (6) retirada dos invasores do território russo; (7) desocupação e restauração da Bélgica; (8) retorno da Alsácia-Lorena para o domínio francês; (9) retificação das fronteiras italianas; (10) autonomia para os povos submetidos ao Império Austro-Húngaro; (11) restauração das fronteiras da Sérvia, de Montenegro e da Romênia; (12) autonomia para os povos subjugados ao Império Turco e internacionalização dos estreitos de Bósforo e Dardanelos (que ligam os mares Mediterrâneo e Negro); (13) restauração da autonomia polonesa, com uma saída para o mar; e (14) criação de uma Sociedade Internacional de Nações.

Considerando a guerra perdida, os generais alemães pressionaram o Kaiser a aceitar a paz baseada nesses termos, mas Wilson negava-se a negociar com ele. Os oficiais alemães de alta patente forçaram a abdicação de Guilherme II em novembro de 1918, proclamando a República e pondo fim ao II Reich. O novo governo da Alemanha aceitou incondicionalmente o armistício, em 11 de novembro do mesmo ano. Finalmente a paz era alcançada.

Com a rendição da Alemanha, iniciam-se as negociações de paz que aconteceram em Paris, no Palácio de Versalhes, que resultou na assinatura de um tratado de paz, o Tratado de Versalhes, em 1919.

Quando os representantes de 32 países beligerantes se reuniram estavam dispostos a discutir a viabilidade da aplicação dos 14 Pontos, os delegados da Alemanha, Império Austro-Húngaro, Turquia e Bulgária, por representarem países considerados vencidos não foram admitidos na sala de conferências. A partir dessa decisão, o encontro estava fadado ao fracasso e os arranjos de paz foram manipulados pelos vencedores do conflito: Wilson, dos Estados Unidos, Lloyd George, primeiro-ministro da Inglaterra e Georges Clemenceau, primeiro-ministro da França.

Os interesses das demais nações foram preteridos, enquanto a discórdia implantava-se entre os diplomatas das três potências vencedoras. Vittorio Emanuele Orlando, chefe do gabinete italiano, não tendo suas reivindicações atendidas, abandonou a conferência, voltando para Roma. todas as decisões foram tomadas pelos chamados “Três Grandes”.

As intenções de Clemenceau e Lloyd George eram tirar o maior proveito possível da derrota alemã. George, por exemplo, havia prometido reduzir a Alemanha a um país agrícola. O idealismo de Wilson não parece ter contagiado os demais países, embora tenha permanecido por quase um ano em Paris para acompanhar pessoalmente as negociações.

A luta pelos despojos da guerra fez os Aliados se desentenderem. Os franceses alegavam que não se sentiriam seguros diante da proximidade dos alemães e da possibilidade de seu reerguimento econômico e militar. Exigiam, por isso, a posse de regiões fronteiriças ricas em ferro e carvão, além da criação de um Estado-tampão entre os dois países, passando os territórios em litígio para a administração da futura Liga das Nações.

O Tratado de Versalhes, de 1919, que firmou a paz, considerou a Alemanha culpada pela guerra e lhe impôs pesadas condições: perda de colônias na África e de parte de seu território; desmilitarização e pagamento de uma alta indenização aos aliados. Os

critérios de punição não eram seguidos à risca. A indenização a ser paga pelo governo alemão fora calculada em cinco bilhões de dólares; após o regresso de Wilson a Washington, a quantia foi elevada para 15 bilhões, ou 132 bilhões de marcos-ouro. Desse total, 52% cabiam à França, 22% à Inglaterra, 10% à Itália, 8% à Bélgica e 8% a outros países.

As imposições do Tratado de Versalhes agravaram a crise na Alemanha, o que favoreceu a expansão do Nazismo na década de 1930.

O pagamento das indenizações pela Alemanha foi iniciado com a cessão de locomotivas, navios, animais, carvão e produtos químicos. Os rios que cruzavam o território alemão foram internacionalizados. Praticamente todo o ouro que servia de lastro para sua moeda - na época o Marco - foi usado no pagamento das indenizações. Sem lastro, a moeda alemã desvalorizou-se e a inflação disparou. Os preços eram alterados várias vezes ao dia. O dólar, que em abril de 1922 valia 1.000 marcos, passou a 56.000 em janeiro de 1923, depois para 2.000.000 em agosto e para 350.000.000 em setembro do mesmo ano!

Boa parte da população se rebelou sob a direção dos socialistas, que foram fortemente combatidos pelo governo, tendo seus principais líderes presos e executados.

As cláusulas impostas pelo Tratado de Versalhes, todavia, reforçaram o germanismo, em vez de abatê-lo. Na Alemanha, a indignação contra o tratado era geral e a população, mergulhada no caos econômico e social, começava a organizar formas de resistência, destacando-se o Nazismo.

A guerra acabou com os grandes impérios da Alemanha, da Áustria, da Turquia e da Rússia, esta última abalada também por uma revolução interna de caráter socialista. Formaram-se novos países na Europa (Hungria, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Polônia, Letônia, Lituânia, Estônia e Finlândia, por exemplo) e no Oriente Médio (Iraque, Síria, Líbano, Palestina e Transjordânia). Os países europeus perderam a supremacia mundial para os Estados Unidos, que saíram da guerra como a maior potência capitalista do mundo.

A Liga das Nações

A idéia de se criar uma entidade internacional que preservasse a paz era anterior ao conflito. Pelo Tratado de Versalhes, formava-se a organização conhecida como Sociedade ou Liga das Nações, reunindo representantes de várias nações com direito a voto nas decisões das Assembléias, que elegia os membros do Conselho, os juizes da Corte Internacional e admitia ou não novos países-membros. Sua sede ficava em Genebra e seu conselho reunia diplomatas dos países-membros permanentes e temporários que elegiam um presidente.

A organização funcionava com um Secretariado que dirigia os trabalhos e, anexos à Liga, funcionavam dois órgãos de caráter jurídico: a Corte de Haia e a Corte Mundial. Várias disputas foram resolvidas nessas instâncias, buscando-se evitar a ocorrência de novos conflitos generalizados.

Apesar de ser o autor da idéia da Liga das Nações, o governo dos Estados Unidos não participou dela. O Senado norte-americano, dominado pelos republicanos (conservadores) rejeitou o ingresso do país, o que comprometia o sucesso do organismo multinacional.

As consequências da Guerra

A vitória dos Aliados é também a vitória das democracias e da democracia, que assim triunfa do Antigo Regime, dos impérios autocráticos, dos regimes autoritários. A identificação dos vencedores com os princípios da democracia aumentou desde que, em 1917, a Rússia Tzarista abandonou a guerra e foi substituída pela “grande democracia americana”: já não há anomalia, o desencontro Rússia-Estados Unidos acaba de identificar um dos

campos com os princípios e os valores da democracia.

É o desaparecimento dos impérios históricos, escorados no princípio da legitimidade. As dinastias seculares são destronadas: primeiro os Romanovs na Rússia, em 1917, e depois, no fim de 1918, os Habsburgos (Império Austro-Húngaro) e os Hohenzollerns (Alemanha); não tardará tampouco a deposição do sultão e a abolição do califado (Império Turco). Em toda a parte, as revoluções provocam a queda dos tronos. É uma espécie de renovação de 1789 ou de 1848. Para os contemporâneos, a vitória da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos aparece como o resultado de mais de um século de lutas, como a desforra do Congresso de Viena (1815), como a consagração da democracia.

Sobre a ruína desses regimes aristocráticos, monárquicos, absolutistas, instala-se a democracia. Proclama-se a República na Alemanha e na Áustria. As assembléias adotam constituições democráticas. Na Alemanha, o Parlamento reunido em Weimar estende o direito de voto às mulheres, decide a eleição do Presidente da República pelo sufrágio universal. Logo depois da guerra, a Grã-Bretanha remata a evolução encetada em 1832, suprimindo as últimas exceções ao sufrágio universal. Logo depois da guerra entram também em vigor as modalidades enunciadas pela lei eleitoral de 1912 na Itália, reduzidos ou anulados os prazos que ela previa. Na França, modifica-se o regime eleitoral e introduz-se a representação proporcional, considerada a mais democrática.

A democracia estende-se, por fim, às próprias relações internacionais, acabando com a diplomacia secreta, responsabilizada pela deflagração do conflito. Segunda uma tese até então muito difundida, a guerra saiu das negociações oficiais das chancelarias. Se se expusesse a diplomacia em praça pública, os povos diligenciariam para que ela não alimentasse novos conflitos. Acredita-se que a substituição da diplomacia secreta por uma diplomacia praticada em praça pública suprimirá os germes do litígio.

Era a vitória do direito e o triunfo da democracia que coroava a marcha da humanidade para uma sociedade mais livre e justa.

Por sua duração, extensão e características, o conflito provocou toda a sorte de mudanças, algumas das quais produziram, por seu turno, efeitos irreversíveis. A conflagração foi causa de múltiplas subversões, que interessam a economia, a sociedade, os costumes, as idéias e as mentalidades e cujos efeitos, que só se farão sentir aos poucos, não serão igualmente acentuados em todos os países, pois estes foram desigualmente atingidos. A profundidade das subversões depende de duas coisas: da extensão de sua participação na guerra, visto que a amplitude das subversões é proporcional à intensidade do esforço de guerra – nesse sentido, evidentemente, a França é mais atingida que Portugal – e da posição dos beligerantes no fim do conflito, a saber, se pertencem ao campo dos vencedores ou ao dos vencidos. Esse dado é decisivo. Para os vencidos se ajuntam, às destruições da guerra, que atingiram quase todos os países indistintamente, as misérias da derrota, a ocupação mais ou menos prolongada (no caso da Alemanha até 1930, embora a evacuação se faça vários anos antes da data inicialmente prevista pelo Tratado de Versalhes), o peso das reparações impostas pelos tratados de paz, as consequências do desmoronamento dos regimes, a instabilidade disso decorrente e, afinal, os traumatismos causados pela amputação territorial, que desorganiza a economia e deixa uma ferida mortal duradoura. Eis aí a conjunção de encargos e sofrimentos que se adiciona, nos países vencidos, Áustria e Alemanha, ao quinhão das consequências comuns da guerra.